

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

3.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	Porto 5 de julho de 1879	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)	N.º 7
	Trimestre..... 250 reis	—	Trimestre..... 500 reis	
	Semestre..... 500	ESCRITORIO—FERNANDES THOMAZ, 128	Semestre..... 1000	
	Anno..... 15000		Anno..... 25000	

EXPEDIENTE

Chamamos a attenção dos nossos estimaveis assignantes para a circular com que fazemos acompanhar este numero do nosso quinzenario.

JOSÉ MARTINS DE QUEIROZ

O «Bombeiro Portuguez» publica hoje o retrato d'um cidadão prestante, que é em tudo um verdadeiro fidalgo—fidalgo, pelo seu nascimento illustre, fidalgo pelas nobres qualidades da sua alma. E nós, temos em tanta conta os bons d'espírito e os dedicados por tendencia, que, quando, por felicidade, temos ensejo de lhes apertar a mão, sentimo-nos orgulhosos, porque é santo e justo o orgulho d'aquelle que estreita entre as suas, as mãos d'um homem honrado.

O exc.^{mo} sr. José Martins de Queiroz, commandante dos bombeiros voluntarios de Guimarães, terra que lhe foi berço, é um cavalheiro a quem nos ligam os apertados laços d'uma boa camaradagem e os vinculos estreitos d'uma amizade sincera.

Por isso, é justificado o motivo que hoje nos leva a collocar o seu retrato na primeira pagina d'este quinzenario humilde.

Quizeramos escrever a biographia do illustre bombeiro, mas é tão vulgar o forragiar datas de nascimento e procurar nas genealogias os nomes dos antepassados, que nos demovemos d'esse intento, por o reputarmos desnecessario.

CHRONICA THEATRAL

Diremos pouco de theatro, porque effectivamente pouco temos a dizer.

A empresa do theatro Baquet *falliu*, e esta circumstancia obriga-nos a ser respeitosos á memoria da *fallida*.

Pena foi que tal succedesse; a empresa do Baquet soube cumprir os seus deveres, portar-se briosamente, offerecendo ao publico bons espectaculos escolhidos e variados, o que é muito para agradecer.

Justiça a quem a tem.

Dificuldades imprevistas, que de repente surgiram, fizeram quebrar a empresa, com a mesma facilidade com que se quebra uma *chavena de chá!*

E muitas vezes, a empresa quebra, por não offerecer *chá em chavenas de porcelana fina.*

O sr. José Martins não carece de biographia preparada, para exaltar o biographado. Dizendo nós que elle é um verdadeiro fidalgo, um cavalheiro de nobilissima descendencia, respeitado pelas suas acções dignas, estimado pelas suas qualidades nobres, temos dito a verdade e esboçado o retrato do homem de quem, repetimos, nos prezamos de ser amigo.

Esto que escrevemos convictamente, e sem laivos de lisonja, sabe-o toda a gente que de perto conhece o sr. Martins de Queiroz. Somos apenas o recopilador de muitas vizes, unanimes em pregoar os altos meritos do brioso bombeiro.

Mas, além do respeito pelo seu caracter, outro titulo possui que nos obriga a uma dupla consideração—o ser o sr. José Martins o fundador da benemerita corporação de bombeiros voluntarios vimaranenses. Foi elle que, seguindo entusiasticamente o movimento humanitario do paiz, lançou as bases d'essa instituição prestimosa, que tão relevantes serviços presta aos afflictos e aos que soffrem.

O sr. Martins podia organizar a corporação, subsidiaria mesmo, protejel-a sempre, mas deixar de a acompanhar quando o perigo a ameaçasse. Não o fez. Entendeu que era bombeiro, e este titulo honroso não se adquire fora dos incendios. Bombeiro tão valente tem sido, que do peito da sua farda pendu uma medalha, legitimamente ganha ha annos por occasião d'um pavoroso incendio manifestado n'um prédio sito á praça do Toural, em Guimarães.

Foi buscal-a ao meio das chammias, com a grande coragem dos espiritos robustos. E' muito d'elle, porque a ganhou no campo da lucta; conquistou-a, trabalhando.

Quem o vir, advinha logo que elle é um verdadeiro fidalgo, fidalgo pelas tradições de familia, fidalgo pela bondade da sua alma.

E se quizermos dizer mais, podemos acrescentar que

Aconselhamos ás empresas futuras, que em lugar de, nos seus saraus particulares jogarem o *istel* com pessoas d'amizade sincera, promova partidos, onde a *chavena de chá* seja offerecida aos convidados com a promptidão ordenada pelos praxes da etiqueta.

No theatro Baquet continúa a trabalhar parte da companhia que alli funcionava, auxiliada por alguns artistas de nome.

A *troupe* é assim composta: actores Soller, Gama, Valle, Magalhães, Amaro, Capistrano, e actrizes Emilia Eduarda, Carmen, Luiza Mendes e Gasparinho.

Valle é um actor comico de superior merecimento; faz na comedia—*O diabo atraz da porta*, coizas que faziam arrebentar com riso o mais sisudo burguez.

N'uma comedia qualquer, dizia elle a seguinte phrase que hoje, no theatro da vida, se propõe a cada passo, não como homenagem ao talento de actor que o disse com extraordinario effeito, mas por vir a proposito—*tenho 10 annos de costa d'Africa.*

Valle disse isto como ninguem é capaz de o dizer!

Dirá o leitor—que coiza tam simples, e tanto espantó!

o sr. José Martins de Queiroz, pela sua comprovada illustração, e pelo seu apurado talento, é um dos mais apreciáveis cavalheiros que compõem a escolhida sociedade elegante.

Ha pouco tempo ainda, viu cahirem-lhe aos pés immensos ramos de flores, esvoaçarem em redor de si muitas pombas, estrondearem palmas entusiasticas, quando, no circo do Palacio de Crystal, tomando parte muito notavel n'uma festa d'amadores, provou a saciedade os seus preclaros meritos de verdadeiro homem d'actividade, e de cavalheiro distincto e elegante.

Esta circumstancia, que muitos podem considerar banal, temol-a nós na conta de importante, porque significa e expressa bem que o sr. Martins não é apenas um fidalgo ocioso, que vive das glorias do seu nome, mas que procura augmentar-lhe essa gloria.

Pedimos desculpa ao nosso amigo, se tão desligadamente e pobremente dizemos dos seus elevados meritos. Nós antepomos ao estylo amaneirado, a expontaneidade da nossa convicção. Se o que escrevemos é desataviado e vulgar, paciencia; perde unicamente o *Manual d'estylo*, por não lhe aproveitarmos as regras; em compensação, o que vae dito, é franco e sincero, é ditado pela consciencia, que nunca manda aos labios ou aos bicos da penna palavras de lisonja, de adulação e de mentira.

Pagamos o nosso pretoito d'amizade ao bombeiro illustrado e dedicado: o que temos escripto, é simplesmente o que pensamos e o que pregoaremos sempre.

A' volta do mundo

Do «Builder», periodico inglez transcrevemos as seguintes noticias, com referencia ao serviço dos incendios e que offerecem bastante curiosidade.

«O corpo de bombeiros da cidade de Pariz, compõe-se de cerca de 1.500 homens, com os quaes se dispense no serviço dos incendios 1.150.000 francos.

A sua organização é militar.

Na Allemanha as corporações de bombeiros são semi-militares e algumas d'ellas são organisadas como antigamente em Inglaterra, com pessoal pertencente ás classes edificadoras. As companhias russas e turcas baseiam-se tambem no systema militar. Recentemente a brigada de bombeiros de Constantinopla foi reorganizada por um austriaco e acha-se actualmente em razoaveis circumstancias. Na China os bombeiros levam para o local do incendio ban-

Vá para lá, e diga-a, se é capaz!

A companhia inaugura amanhã os seus trabalhos, com as comedias—*Naufragar em terra firme*, e *Quem o feio ama*...

Na quarta-feira representa o drama em 3 actos, de Antonio Ennes, *Os Lazaristas*, sendo os papeis principaes desempenhados por Soller, Gama, Magalhães, Abel, Amaral, e Carmen, E. Eduarda, Luiza Mendes e Gasparinho.

Ainda bem que aquelles actores não nos abandonam n'estas noites de horrivel monotonia.

Bem hajam.

Os actores Dias e Setta, conjunctamente com as sr.^{as} Maria da Luz e Thomazia Velloso, continuam a trabalhar no theatro Principe Real, cantando umas operetas, quasi todas adornadas de musica pelo *maestrino* Alves Rente, o compositor mais feliz que conhecemos entre nós.

Ha dias realizou-se o beneficio do actor Dias, um co-

deiras e lanternas de côres e fazem-se acompanhar tambem por bandas de musica. Como na Turquia, as bombas são consideravelmente muito leves, sendo portanto transportadas aos hombros de quatro homens.

Os japonezes adoptaram um systema originalissimo, mas extremamente eficaz para impedirem os incendios. Todos os moradores das casas que se incendiarem, muito embora a causa do sinistro seja accidental, serão decapitadas. Devido a estas circumstancias são rarissimos os fogos no Japão.

As companhias de bombeiros na America são muito habeis.

Os seus aparelhos telegraphicos offerecem grande novidade e são inquestionavelmente completos.

Ha caixas collocadas em diferentes sitios das cidades, as quaes contêm um aparelho telegraphico, no qual basta tocar por meio de um botão, para que na estação da bomba mais proxima se saiba, que em qualquer dos edificios d'aquelle quarteirão ha incendio. Os bombeiros estão sempre promptos, fardados e armados nas suas estações, assim como os cavallos que conservam sempre os arreios, junto da bomba. Informam-nos que este instrumento telegraphico de que vimos fallando, quando posto em acção, não só faz abrir as portas da estação, como desprende ao mesmo tempo as prisões dos cavallos, que se collocam á frente da bomba!

Os bombeiros saem dos seus aposentos, afivellam os cavallos á lança e á boleia e saem á desfilada para o seu destino, gastando-se unicamente n'estas manobras, entre quinze a vinte segundos!

Damos em seguida uma relação das despesas feitas annualmente pelas principaes companhias de incendios do estrangeiro, transcripta tambem do mesmo periodico:

«Boston, 97:000 libras; Chicago, 95:000; Cincinnati, 54:000; Londres, 80:000; Nova-York, 249:000; Pariz, 100:000; Philadelphia, 96:000; St Louis, 58:000; S. Francisco, 52:000; Manchester, 6:000; Liverpool, (parte da cidade) 4:000; Bruxellas, 7:000.»

E nós?

Regateamos um vintem ao pobre bombeiro que abandona o seu trabalho e a sua officina, para arriscar a vida e a saude em proveito dos outros!!!

Vestuario á prova de fogo

Acaba de apparecer em publico um vestuario á prova de fogo, inventado por M. Schalla, engenheiro austriaco, segundo informação que recebemos.

mico de primeira plana, e um bom rapaz de excellentes qualidades.

O sacristão politico e *o velhinho do azylo*, são duas creações que honram o artista que as executou.

Não vimos nada tão natural, tão proprio, tão caracteristico.

O publico applaudiu entusiasticamente o distincto artista.

* *

E nada mais ha de importante nos dominios do theatro.

Ah! esquecia-nos fallar da partida de Joaquim d'Almeida, que vae para o Brazil num dos proximos paquetes.

Artista como poucos, Joaquim d'Almeida merece as nossas considerações e os nossos respeitoos.

A redacção do *Bombeiro Portuguez* diz adeus ao seu amigo, e faz votos para que breve regresso.

As primeiras experiencias effectuaram-se no Prater, na cidade de Vienna, aonde se construiu *ad hoc* um enorme estrado de madeira bem secca e regada com petroleo ao qual foi lançado o fogo. As chammas subiram logo a immensa altura, e era tal o calor que ellas produziam, que os espectadores tiveram que retirar-se para grande distancia. No entretanto, M. Schalla, munido do seu vestuario penetrou no recinto incendiado, e alli se conservou por muito tempo, sabindo depois incolume e perfeitamente *à son aise*, no meio das aclamações da multidão que o victoriava.

O vestuario assemelha-se muito ao dos mergulhadores, com a unica differença de ser duplo e o outro não. O espaço entre os dois vestuarios, ou para melhor dizer, entre o forro e o vestuario, conserva-se sem interrupção cheio de água, que é fornecida por meio de um tubo. O ar é fornecido por meio de um outro tubo e de uma pequena bomba.

Em vista dos resultados satisfactorios obtidos nesta experiencia, parece-nos que faziam boa aquisição todas aquellas companhias de incendios que procurassem obter este apparelho que permite aos bombeiros aproximarem-se das chammas, sem o menor risco.

Bombeiros Voluntarios do Porto

O corpo de Bombeiros Voluntarios do Porto, acha-se assim constituido:

Commandante—Guilherme Gomes Fernandes.

Primeiro patrão, ajudante—Eduardo de Souza Pereira.

Bomba n.º 1

Segundo patrão—Alexandre Miller Fleming.

Aspirante—José da Franca Oliveira Pacheco.

Carro n.º 1

Segundo patrão—Joaquim Antonio de Moura Soeiro.

Aspirante—Arminio von Doellinger.

1.ª secção—1.ª companhia

Segundo patrão—Jeronymo Telles da Silva.

Aspirante—José Rodrigues da Cruz.

Agulhetas

1.º agulheta—Antonio Rodrigues da Cruz.

2.º agulheta—José Rodrigues Barrote.

Pessoal da bomba n.º 1

Voluntarios n.ºs 1, 4, 5, 9, 11, 18, 21, 44 e 46.

Pessoal do carro n.º 1

Voluntarios n.ºs 6, 14, 15, 19, 27, 30 e 34.

Encarregado da ambulancia, o voluntario n.º 27, João Ferreira Dias Guimarães Junior.

Pessoal da 1.ª companhia

3.ª secção

Voluntarios n.ºs 13, 22, 24 e 37.

Secretario do corpo, o voluntario n.º 10, José da Franca Oliveira Pacheco.

CORRESPONDENCIAS

Rio de Janeiro 31 de maio

(Do nosso correspondente)

Poucos incendios se têm manifestado depois da minha ultima e aquelles que tem havido são de tão pouca importancia, que não merecem ser relatados; porém quasi sempre os incendios pequenos são principio de uma grande catastrophe como acaba de succeder.

Ha muito tempo que não presenciei espectáculo tão horrroso como o de hontem. A felicidade foi ser de dia, porque se fosse de noite os prejuizos materiaes seriam muito maiores e haveria talvez desgraças pessoas a lamentar.

Dou lugar á «Gazeta de Noticias» que narra minuciosamente este incendio.

«Pavoroso incendio.—Seriam 11 horas da manhã de hontem, quando rebentou com uma força extraordinaria o fogo na loja da rua da Misericordia n.º 29, onde era o deposito de petroleo, kerosene e gazolina, dos srs. Ventura Garcia & C.ª, negociantes d'esta praça.

Como se póde presumir, o incendio tomou logo um aspecto sinistro e assustador, porque as labaredas subiam em espiral a uma grande altura, tal era a violencia do fogo alimentado por materias inflammaveis accumuladas n'aquelle edificio.

O terror dominou para logo toda a vizinhança e cada qual tratou de se salvar como póde a si e aos valores que possuia. E havia razão para isso.

As labaredas lambiam as paredes lateraes do edificio, e com rapidez incrível apossavam-se dos edificios da esquerda e da direita de n.ºs 27 e 31, avançando ainda sobre os de n.ºs 25 e 33, que tambem soffreram muitissimo.

Pelos fundos a scena não era menos aterradora. As casas que fazem frente para o becco dos Ferreiros e ficam contiguas ás incendiadas, estavam ameaçadas de terem a mesma sorte d'aquellas. E n'estas era doloroso ver como os seus moradores, gente pobre na maxima parte, atiravam para o becco com os velhos trastes, unica cousa que tinham a salvar, sobresaltados ainda pela surpresa do espectáculo.

De uma d'estas casas sahiu em braços uma senhora que, havia pouco, tinha tido o seu bom successo. Por uma jânella d'esses predios tambem, logo no começo do incendio, saltou um bombeiro intrepido, João de Castro, segundo nos informam, o qual vinha envolvido de labaredas, por haver rebentado uma lata de kerosene que o molhou pelas costas.

O capitão Marciano, do arsenal de guerra, aprou na queda o bravo bombeiro, e tentou soccorrel-o apagando as labaredas, mas seria em vão o perigoso para si proprio o intento humanitario, se uma terceira pessoa os não envolvesse n'uma manta, que por acaso parecia ter-se incumbido de pôr á mão para tal fim.

As labaredas extinguiram-se, mas o bombeiro constanoso que, apesar disso, ficou muito queimado, sendo grave o seu estado.

No trabalho da extincção ficaram feridos tambem o official do corpo de bombeiros Boaventura de Souza Nascimento, e oito operarios militares do arsenal de guerra, um imperial marinheiro pertencente á guarnição da corveta «Vital de Oliveira» e um paisano.

Ha muito tempo que n'esta cidade não se presenciava tão violento incendio.

A casa em que elle começára tinha em deposito de 8 a 10 mil latas dos liquidos a que já acima nos referimos.

O sobrado era habitado por uma familia, e o predio, que se acha seguro na Companhia Argus, era propriedade do sr. Francisco Alves da Costa.

O deposito está seguro, segundo se diz, por 36:000\$ na companhia Confiança, que resegurou parte na companhia Fidelidade.

O predio n.º 27 pertencia a D. Maria de Bulhões Faria da Silva e acha-se seguro na companhia Previdente e era occupado pelo sr. Domingos José Gonçalves Portellinha, que tinha na loja, negocio de confeitaria seguro por 8:000\$ na companhia Fidelidade.

O predio n.º 25 é proprio nacional e ficou com todo o vrigamento estragado. Era habitado pelo major, 2.º ajudante do arsenal de guerra.

O predio n.º 31 é propriedade do sr. J. Fernandes, cujas lojas eram occupadas por José Mattoso com officina de carpinteiro, não estando seguro nem esta nem o predio.

Não é bem conhecida ainda a origem do incendio, sabendo-se apenas ter começado pouco depois de haver sahiu

e fechado a porta do depósito um caixeiro, que alli fôra entregar a um freguez uma partida de caixas de kerosene.

O corpo de bombeiros compareceu immediatamente com todo o pessoal e material e deu principio aos seus trabalhos.

Em auxilio d'este corpo vieram pouco depois 3 bombas do arsenal de guerra commandadas pelo capitão Lessa, 2 do arsenal da marinha, 1 da alfandega com 16 trabalhadores, e as bombas das corvetas «Vital de Oliveira», «Trajano» e «Nictheoy», com as competentes guarnições.

Por parte de todos é forçoso confessar que houve a maior abnegação e actividade.

Os officiaes confundiam-se no trabalho com os seus subalternos e todos participavam dos mesmos perigos.

Vimos urbanos a trabalharem no serviço de bombeiros com grande dedicação e bombeiros arrostando com os maiores perigos.

Os grandes heroes, porém, foram os imperiaes marinheiros, que se atiravam para os logares arriscados com incrível audacia.

D'entre elles vimos dois da «Vital de Oliveira» que não nos soffre o animo de lhes occultarmos os nomes: são o Praxedes e o Barreto.

Apesar d'isto o fogo não queria ceder. O elemento principal, a agua, faltava constantemente, e no entretanto só com muitissima agua poderia conseguir-se, já não dizemos dominal-o, mas contel-o ao menos.

A luta durou todo o dia. De noite, tanto o fogo como es que com elle lutaram estavam fatigados, mas aquelle ainda precisava da vigilancia d'estes.

Os srs. ministros da agricultura, da fazenda e da marinha, dr. chefe de policia, delegados, alguns subdelegados e muitas autoridades militares estiveram presentes.

O kerosene era tanto que corria pela rua. D'ahi resultava novo perigo pelo descuido de qualquer individuo que deixasse cahir um phosphoro aceso.

Hoive então a idéa de mandar vir arca para espalhar a e absorver o liquido.

Um incidente desagradavel, dos que não estavamos ha muito tempo acostumados a vér, deu-se hontem nas circumvizinhanças do incendio.

Foram mandados urbanos com carta de corso a dar caça aos transeuntes, ou aos que, atraídos pelo terrivel espectáculo, alli se achavam fora das linhas policiaes, observando o que se passava. A caça era para obrigar esses individuos a irem tocar a bomba.

Não se nos afigura de bom conselho semelhante systema de obter gente para trabalhar, que dá sempre motivo a graves questões, porque se de uma vez se prende um yadio, da outra pôde prender-se um negociante, um funcionario publico ou um caixeiro que tem vida certa e não se alistaram ainda nem no corpo de bombeiros a salario, nem no de bombeiros voluntarios, que não temos.

Além de que será bom que se não repita o facto de querer obrigar, como hontem succedeu, passageiros desembarcados n'esse momento de um paquete da Europa a ir tocar a bomba.

Má idéia terão elles feito certamente do nosso systema de apagar incendios.

Com relação a carta de corso que deram aos policiaes é infelizmente uma verdade; o que escreve estas linhas tambem foi filado, mas nada conseguiu o pobre policia, pois se houvesse vidas a salvar estaria prompto e não seria preciso ir debaixo de prisão; porém para trabalhar ás precostas muda o caso de figura.

Organisem Bombeiros Voluntarios, e encontrarão o seu homem, não só aqui, como em toda a parte; é que nunca se recusará a trabalhar seja em que serviço fôr; mas nunca com um corpo que é pago.

O meio de arranjar gente para esse trabalho é facilitar a homens de frete, que elles irão da melhor vontade, ou então, sejam obrigados a esse serviço os accionistas das companhias de seguros, que são os unicos que tem interesses immediatos, ou finalmente, augmentem o numero de praças, porém, prenderem pessoas que têm necessidade de passar proximo ao local do incendio, isso é que por forma

alguma se pôde admitir. Até os proprios passageiros que desembarcaram hontem, chegados da Europa, foram agarrados!

Deixo ao juizo dos leitores do «Bombeiro Portuguez» o commutarem este procedimento como entenderem; é de esperar que taes factos se não repitam, e que haja mais cuidado no recrutamento de bombeiros.

A.

Lisboa, 29 de junho

(Do nosso correspondente)

Já saiu do hospital o operario salvo das ruinas dos Jeronymos, Antonio Caetano, que, acompanhado por um ajudante do corpo de bombeiros, foi a vedoria receber uma gratificação de réis 45\$000, por ordem de el-rei o sr. D. Luiz.

—Os bombeiros n.º 118, 130, 131, 135, 136, 138, 139 e 141, fizeram um peditorio pelas ruas de Alfama para os infelizes Rodrigo Antonio e sua mulher e para o carvoeiro, que ficaram reduzidos a extrema miseria em consequencia do fogo que lhes destruiu a casa em que viviam, no pateo do Curvo. O peditorio rendeu réis 17\$835, sendo esta quantia entregue ao sr. regedor.

—A municipalidade do Porto, desejando adoptar o systema de extincção de incendios usado em Lisboa, pediu um exemplar de cada um dos appparelhos de que faz uso a inspecção, satisfazendo a importancia d'elles. A camara auctorizou o sr. vereador do pelouro a satisfazer ao pedido, no caso de que não façam falta para o serviço.

—O baile que em 28 do passado se realisou na cerca de Jesus, foi em beneficio do cofre da sociedade dos bombeiros occidentaes. Tocou a phitarmonica «Alumnos de Minerva.»

—As companhias de seguros já indemnizaram os inquilinos e proprietarios do predio da rua dos Poyaes de S. Bento, onde se manifestou fogo em a noite de 22 do mez passado. O inquilino do 4.º andar, que teve perda total, recebeu 500\$000 réis, o do 3.º 300\$000, e o dono do predio 700\$000. Falta ainda indemnisar o sr. Elias José de Almeida, dono da officina de serração de madeira na rua das Adellas, onde tambem houve incendio a hora do antecedente. O sr. Elias tem tido a officina fechada. O seu prejuizo foi de 409\$000 réis e a companhia seguradora é a Union.

E por hoje nada mais

LUCIO.

Incendios em Lisboa de 15 a 29 de junho

15 de junho—A's 6 horas e meia da tarde. Rua Direita dos Anjos n.º 96. Sem prejuizo. Bomba do premio a n.º 3.

17 de junho—A's 11 horas da noite: loja do predio n.º 42 da rua de traz do quartel d'infantaria 16. Prejuizo insignificante. Bomba do premio a n.º 5.

19 de junho—A's 10 horas e meia da noite. Rua do Moinho de Vento n.º 34 a 36. Inquilino, José Gomes d'Almeida e Pinho com mercearia segura na Fidelidade em 600\$000 réis. Bomba do premio, o carro 23, trabalhando tambem a bomba 4. Houve algum prejuizo.

20 de junho—A' 1 hora da noite. Rua da Rosa n.º 179, loja de bebidas. Foi de prompto extinto sem maiores prejuizos. Bomba do premio a n.º 4.

21 de junho—Rua da Bica de Duarte Bello n.º 58-2.º andar. Sem importancia.

22 de junho—Praça das Flores n.º 70 e 71. Causou algum prejuizo sendo de prompto extinto.

23 de junho—A's 10 horas e meia da manhã. Pateo das Parreiras n.º 17. Inquilino Agostinho Maria Mattos. Seguro do predio na «Bonança». Bomba do premio n.º 1. Sem prejuizos de vulto.

24 de junho.—A's 11 horas da noite. Rua do Poyaes de S. Bento n.º 61, n'um quarto do 4.º andar. O fogo destruiu o madeiramento e carbonizou os moveis e as divisões,

BOMBEIRO PORTUGUEZ



J. MARTINS DE QUEIROZ

JULHO DE 1879

da habitação passando ao 3.º andar, de onde foi tirado o entrevado, sr. Antonio da Silva, que tem cerca de 90 annos de idade, acudindo-lhe seu filho e os primeiros bombeiros que appareceram, 130, 132, 138. A inquilina da casa achava-se no 1.º andar quando o fogo rompeu, e aos gritos acudiram as cinco bombas que alli trabalharam com preserteza, sendo a primeira a n.º 17. A mobilia do 3.º andar estava segura na Bonança em 700\$000 réis, sendo a perda total. O predio estava tambem na Bonança, e a mobilia do 3.º andar na Fidelidade. A's duas horas da manhã tinham acabado os trabalhos.

24 de junho—às 12 horas da noite. Rua das Adellas n.º 38 n'um barracão que serve de officina de serração de madeiras, e que pertencia ao bombeiro n.º 6, Elias José de Almeida, chefe de companhia e patrão da bomba n.º 2, que trabalhava áquella hora no fogo da rua dos Poyaves de S. Bento. Foi a patrulha da municipal que deu por este incendio, e logo conseguiu tirar d'alli um cavallo. Ardeu parte do barracão, causando prejuizos na machina, no escriptorio, etc. Julga-se que a origem do incendio foi a malvadez. Estava seguro em 1:500\$000 réis na Union de Madrid, sendo as perdas avaliadas em réis 400\$000.

24 de junho—Rua Direita da Junqueira. N'um telheiro proximo a um forno de coser pão.

24 de junho—No quartel da Graça, no quarto do contra-mestre da banda do regimento. Uma creança pegou fogo a umas cortinas, de onde passou aos caixilhos da janela. Ganhou o premio a bomba n.º 13.

24 de junho—Rua da Rosa n.º 83. Principio de incendio sem importancia. Bomba do premio n.º 5.

27 de junho—Rua de S. Roque n.º 100, 3.º andar. Ardeu uma cama e alguma roupa. Ganhou o premio a bomba n.º 4.

29 de Junho—Rua de S. Bento n.º 9 e 11 á uma hora da madrugada em uma cozinha da fabrica de cerveja dos srs Mayllard & C.ª, passando ao quarto de um dos criados e d'ahi aos barracões que serviam de deposito de varios objetos. O fogo foi combatido com promptidão, evitando-se que se communicasse á fabrica, onde, ainda assim, a agua causou prejuizo nas machinas. A fabrica está segura na companhia Phenix.

29 de Junho—Travessa Nova do Desterro n.º 23 a 27. No barracão que tinha deposito de feno e gado, pertencente ao sr. Estanslau José da Costa. O incendio manifestou-se com violencia a outro barracão contiguo. Ambos ficaram destruidos. Esteve ameaçado o predio proximo, porém os socorros atalharam bem o effeito das chammas. Este barracão estava seguro em dois contos na Fidelidade.

Real Associação Humanitaria

Bombeiros Voluntarios do Porto

Não é uma descripção minuciosa da festa que hoje se realisa na caza da associação ao Bomjardim, o que ora vamos fazer.

Antes de tudo, a redacção d'esta folha, consagrada a archivar tudo o que diga respeito a estas instituições benemeritas, que são a salvaguarda da vida e dos interesses dos cidadãos, quando atacados por algum flagello, necessita dizer duas palavras a respeito da reorganisação da companhia de Bombeiros Voluntarios Portuense.

E essas duas palavras são de regozijo, são de jubilo; são de parabens á esta cidade, pela deliberação dos valerosos rapazes, que, de affeitos á lucta, pareciam não estar bem na ociosidade.

A associação humanitaria bombeiros voluntarios do Porto, recebeu, como todas as instituições proveitozas, a consagração d'uma cidade laboriosa e digna, que applaudia a desinteressada dedicação de meia duzia de rapazes energeticos, agremiados para se auxiliarem no preseguinto d'uma nobre missão.

Trabalharam, com aquella energia dos espiritos varo-

nis, com aquella franqueza e valentia de bons corações, com aquella coragem das edades robustas.

Assignalaram o seu prestigio em sinistros pavorosos, quando o incendio ousado, arremettia violentamente contra a propriedade albeia, sem se demover aos gritos lacerantes das victimas.

Prestaram serviços que se não pagam, deram poderosos exemplos da sua grande vontade e do seu superior arrojo.

Mas um dia basta para demolir um monumento que seculos levou a levantar; a tenacidade humana, é esmagada um dia pelo sopro esterilizador d'uma revolução repentina.

A gloria da instituição augusta, foi assaltada, d'embuscada, por meia duzia de transviados, que não mediram o alcance do delicto que praticavam.

Commetteram-o, e o certo é que a instituição audaz, ferida nos seus sentimentos, fez o que devia fazer—recolheu-se dignamente, esperando, para novamente apparecer, que se lhe desse uma satisfação plena e inteira.

Decorreram largos dias, a final, vencidas as difficuldades, removidos os obstaculos, e sanadas todas as duvidas, a associação illustre declarou, por entre a fulgurancia de festas imponentes, que volta a occupar o posto que tão nobremente occupou sempre.

Abstemo-nos de referir muitos acontecimentos, que o publico conhece, que nós estamos cansados de dizer.

O que se passou, não aproveita para o que se passa alli actualmente.

O que é certo, é que a nobre e humanitaria Associação de Bombeiros Voluntarios do Porto, recomeça os seus trabalhos, e esta affirmacão não carece das nossas palavras de muito louvor—louvor tem essa tesolucão em si propria, e querer tirar-lh'a, para a reproduzir em outro lugar, é roubar-lhe toda a importancia e realce.

Nós, só podemos congratularmo-nos com esta cidade, pela deliberação tomada pelos dignos e prestimosos rapazes que constituem a real associação humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

Incendios no Porto

Pelas 2 horas da madrugada de 28 do mez passado, manifestou-se um violento incendio no predio n.º 327 e 328, da rua Formosa habitado pelo sr. João Ferreira d'Araujo Guimarães, occupando os baixos o sr. Augusto Pinheiro, onde tinha uma importante loja de modas.

Ignora-se a causa do incendio que se declarou na loja com estranha violencia. Foi o inquilino dos andares superiores que deu pelo sinistro evitando que a sua familia fosse victima do fumo asphixiante que invadia toda a casa. A espoza e os caixeiros do sr. Pinheiro sahiram para a rua por uma casa vizinha.

A loja ardeu completamente. Quasi nada ou nada se pôde salvar. A violencia das chammas era tal que a dez metros mal se podia supportar o calor. A cantaria das humbreiras ficou completamente deteriorada.

A primeira bomba que compareceu foi a da Batalha. E' nosso dever assignalar os valiosos serviços que prestou. Trabalharam mais na extençáo as bombas da 1.ª, 2.ª, 6.ª e 8.ª secção.

A casa e a loja estavam seguras na companhia Bonança. Os prejuizos calculam-se em 15:000\$000 réis, o predio pertencia ao sr. João Leite de Faria.

Ao principio do incendio houve sensivel falta d'agua, inconveniente que se remediou com a chegada do respectivo pessoal. Gastaram 268 barris e 605 baldes d'agua.

Os trabalhos da extincão foram dirigidos pelo sr. inspector geral Falção, coadjuvado pelos ajudantes os srs. Thiágo e Eoureiro.

São dignos de menção os trabalhos d'alguns particulares e entre elles os do sr. José Fumega, alferes d'infanteria 18 que nos dizem trabalhara effizcamente para salvar os moradores dos andares superiores.

Estiveram presentes os srs. commissario de policia, commandante da guarda municipal, administrador do bairro oriental e todo o pessoal das companhias de incendios do Porto e Villa Nova de Gaya.

Eram cerca de quatro horas quando se deram por terminados os trabalhos de extincção.

No dia 29 ardeu tambem completamente um barracão que existia no quintal da nova rua do Sá da Bandeira, e que servia de officina de marceneiro.

Os prejuizos ascende-se a perto de 600\$000 réis, pois que existia alli uma grande porção de moveis que foram pasto das chammas.

O incendio projectava um immenso clarão que se via de toda a cidade o que fez accorrer ao local do sinistro milhares de pessoas.

A primeira bomba que compareceu foi a da praça de D. Pedro.

Compareceu o sr. inspector geral e os seus ajudantes.

Outros incendios de pequeno vulto tambem temos a noticiar. Fal-o-hemos opportunamente.

Em Guimarães

A expensas dos bombeiros municipaes d'aquella cidade, festejou-se no dia 19 do passado, na igreja de S. Paio, S. Marçal. Pela manhã houve missa cantada a instrumental, em seguida exercicio pela companhia de bombeiros e a noite illuminação no jardim do Toural e na fachada d'aquelle templo.

Dentro do jardim tocaram as bandas de caçadores 7 e da Philharmonica Vimaranes e defronte da igreja de S. Paio a da Philharmonica União.

Foi immensamente concorrido o jardim. Calculava-se em duas mil pessoas que alli estiveram a gozar da illuminação e das harmonias das duas musicas que executaram com perfeição variadas composições.

Ao longo das ruas achavam-se dispostas muitas cadeiras que para alli forneceu a direcção do azylo de Santa Estephania.

Pormenores

Eis alguns pormenores d'um grande incendio occorrido na Philadelphia e que ligeiramente noticiamos no nosso ultimo numero:

«O grande incendio que houve em Philadelphia, no dia 11 do corrente, foi na fabrica de refinação de petroleo, *The Atlantic Petroleum Refining Company*, sita na margem do rio Schuylkill, na Philadelphia, Ficou completamente destruida por uma faisca electrica que caiu nos depositos do petroleo. O fogo lavrou com rapidez incrível incendiando tambem a grande ponte ali construida e seis navios que estavam atracados a ella recebendo carregamento. Os prejuizos caculam-se em mais de mil contos de réis. O fogo durou por mais de 24 horas e a cidade de Philadelphia esteve por todo o dia envolvida em um denso fumo. Apesar d'este grande sinistro, o preço do petroleo não subiu nos mercados da America, onde existe extraordinaria abundancia.

Incendios no estrangeiro

No dia 18 do passado arderam em Tuy duas moradas de casas. Não ha muito tempo que alli se deu tambem outro incendio.

No entanto não ha na povoação meio algum de os debellar. E' o caso de se dizer *cá e lá, mais fadas ha.*

Em Natal foi presa das chammas um armazem contendo munições do governo. Calculam-se as perdas em mais de 5:000 lb. e presume-se que o fogo foi deitado.

Um raio que cahiu na communa de Anost, perto d'Antun, incendiou uma casa pertencente ao sr. Ravier, não tardando a passar para duas casas contiguas e para diversos curraes e celleiros cheios de gados e cereaes, apesar dos mais energicos soccorros.

Nada se poud salvar; as perdas ainda não foram avaliadas, mas sabe-se que só o sr. Ravier tinha os seus haveres no seguro.

Em Signy-le-Petit, nas Ardennas, um consideravel incendio destruiu a casa da camara, o quartel de *gendarmes*, e uma escola de meninas.

Em Paris houve ha dias um pavoroso incendio, que reduziu a cinzas a maior parte da afamada fabrica de material para caminhos de ferro, pertencente ao sr. Chevalier, situada no caes de Grenelle.

Arderam muitos wagons acabados e outros em via de construcção, bem como um consideravel material de fabricação.

Entre os wagons acabados, ha sobretudo a deplorar a perda d'um esplendido wagon-salão estofado d'azul, que fez a admiração de todos os visitantes da ultima Exposição Universal de Paris.

No dia 18 do passado pelas nove horas da manhã, declarou-se um violento incendio na egreja de Bruailles, perto de Louhans, departamento do Saone-et-Loire.

Todo o madeiramento do templo, bem como os ornatos e altares, cadeiras e bancos, foram inteiramente devorados pelas chammas.

Nada se poud salvar. Suppõe-se que o sinistro fosse puramente accidental.

As perdas são grandes, e não estão garantidas por nenhum seguro.

No dia 21 do passado pela 1 hora da madrugada, declarou-se um incendio na estação do caminho de ferro de Hazebrouck, em wagons que continham algodão, farinha e cimento.

Devido ás energicas medidas tomadas logo de principio, conseguin-se dominar o fogo.

A causa do sinistro attribue-se a uma combustão espontanea do algodão, em consequencia da fermentação.

As perdas, que consistem em material e mercadorias, estão garantidas pelo seguro.

Na Chaussade, perto de Guérete, declarou-se um violento incendio em casa do sr. de Verdaille, proprietario.

Graças aos soccorros logo organisados, poud-se combater e subjugar o fogo, que tinha pegado n'uma fornalha.

As perdas ainda não foram avaliadas, mas estão garantidas pelo seguro.

Ardeu completamente a magnifica fabrica de lanificios do sr. Philippe Décaux, em Elbeuf.

Esse estabelecimento, que em tempo pertenceu ao sr.

Victor Gradin, antigo deputado, e que já foi destruído pelo fogo em 1848, não fôrma agora mais que um montão de ruínas calcinadas.

O incendio declarou-se ás duas horas da madrugada do dia 26.

Incendios nas provincias

Em meados do mez passado ardeu uma grande porção de trigo que estava n'uma eira na propriedade do Reguenço e que pertence ao sr. Joaquim Negrão, de Portimão.

Calcula-se o prejuizo em 1800 alqueires.

**

No pinhal da Machada, junto a Valle de Zebro, houve ha dias mais uma tentativa de fogo posto, chegando a arder perto de trezentos metros de arvoredo. Este facto, que indica uma grande doze de malvadez, assim como os que o procederam, continua impune, sem que as auctoridades locais façam as devidas diligencias para terem o correctivo que merecem.

**

Na igreja de Aljezur pegou fogo em umas cortinas que cobriam uma capella e o povo, querendo sair á força e agglomerado, quasi que se esmagou á porta.

Felizmente não houve desgraças a lamentar.

**

Uma familia pobrissima, que reside em uma casa abarracada, na rua de S. Pedro, em Faro, viu os seus poucos haveres reduzidos a cinzas. A dona da casa, tendo sahido, deixára fechadas em casa umas creanças, que deparando com uma caixa de phosphoros os accenderam, communicando o fogo á cama e outros trastes. Aos gritos das creanças acudiram logo muitas pessoas, que felizmente poderam evitar uma fatalidade maior.

**

No dia 25 do passado, incendiou-se em Pombal um barcão, onde morreu um macho. O incendio alvorotou toda a villa.

E a propósito faz o nosso collega o «Progresso Pombalense» as seguintes considerações que aqui reproduzimos:

«Este fogo foi uma prevenção, para os habitantes d'esta villa estarem de sobre-aviso; e para nós, pela terceira vez, lembraremos á camara municipal, que não descance, sem que faça um ou quantos sacrificios sejam necessarios, para a aquisição d'uma bomba de incendios, e bem assim de todos os apparatus de salvação, que se usam n'aquellas occasiões.

Se, por infelicidade nossa, dentro d'esta povoação, se desse um desastre semelhante, a destruição seria total, porque ha falta absoluta de providencias e socorros.

Compre, pois, a camara uma bomba, e bem depressa verá organizada uma companhia de bombeiros voluntarios, e assim dará um passo excellente para que esta povoação esteja a coberto de tão grandes fatalidades, e de scenas tão horrorosas».

Folgaríamos que a municipalidade de Pombal tivesse em conta as sensatas reflexões do collega.

IMPRESSA CIVILIZADORA DE S. PAULO

2 - Rua de S. Paulo, 10 - S. Paulo

Na madrugada do dia 30 de junho declarou-se um incendio em Aveiro na loja da rua de José Estevam em que se achava o estabelecimento de fazendas e quiniquilherias do sr. João Coelho d'Almeida. O fogo manifestára-se pelas 2 horas da manhã. Uns carreiros que passavam notaram o fumo que saía da loja, e deram o signal d'alarma. O primeiro andar estava ainda habitado e a mulher que lá residia accordou estremunhada, e já afflicta porque o fumo invadia tudo, ameaçando asphyxial-a.

Acudiu logo muito povo, que n'estas occasiões se torna verdadeiramente notavel pelo seu zelo e diligencia. Compareceu o engenheiro-director das obras publicas, o engenheiro districtal, vice-presidente da camara, delegado do procurador regio, auctoridade administrativa, e todos quantos tiveram conhecimento do sinistro, porque localizado o incendio na loja, as torres cessaram de tocar e para os habitantes da freguezia da Senhora da Gloria aquella triste occorrença passou desapercibida.

As fazendas do estabelecimento do sr. João Coelho estavam seguras na companhia Union, de Madrid, mas os prejuizos são superiores ao valor segurado. Excedem infelizmente talvez mais de um terço.

O predio pertence á sr.ª D. Mariana Ferreira e os seus prejuizos são calculados em 500\$000 reis

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos as seguintes que nos foram enviadas.

«O Ecclesiasterium.»—1.º serie n.º 10. Publica em photographia o retrato de D. João Bosco, um apostolo d'este seculo.

«O Contemporaneo.»—N.º 73 do 5.º anno. Publica além de outros artigos interessantes a biographia da actriz Josepha d'Oliveira, escripta pelo sr. Pinheiro Chagas.

Acompanha-a uma nitida photographia da beneficiada.

«Revista Zoofila Barceloneza.»—N.º 8 e 9 do primeiro anno. Redacção e administração, Calle de San Pablo, numero 15, piso 2.º Barcelona.

«Bibliographia portugueza e estrangeira.»—N.º 8 do 1.º anno. Publicação da casa Editora E. Chardron.

«Jornal de Horticultura Pratica.»—Volume X—1879—N.º 7—julho.

«A Moda Ilustrada.»—N.º 13. 1.º anno. Esta luxuosa publicação que rivalisa com o que ha de melhor no estrangeiro é propriedade da casa David Corazzi, tendo o seu escriptorio no rua du Atalaya n.º 40 a 52, Lisboa.

Associação Restauradora de D. Maria Pia, Protectora dos Portugueses

Realisou-se no dia 22 do passado, na casa d'esta associação, ás Taipas, a sessão solemne promovida pela direcção d'aquella associação em signal de regosijo pelo restabelecimento de sua magestade a rainha, sua protectora, inaugurando-se uma escola de musica, que tomou o titulo de «Escola de musica de Victor Manoel.»

Não fazemos a narração da festa porque já o fizemos minuciosamente os nossos collegas diarios.

Cumpre-nos só agradecer a amabilidade do convite que nos foi dirigido para assistirmos a ella.

COMMENTADO POR CAMILLO CASTELLO BRANCO

Ernesto Chardron editor - Porto

Expediente do almanach do Bombeiro Portuguez para 1880.

São rogados todos os cavalheiros que nos queiram honrar com os seus escriptos a enviar-nol'os até fins do proximo julho á administração d'este periodico, rua de Fernandes Thomaz, 128, Porto.

Correspondencia recebida na administração d'este periodico de 16 a 30 de junho

- Guimarães (em 16)—Do sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado.
- Lisboa—Do sr. E. George.
- Lisboa—Do sr. E. Pinto Basto e & C.^a
- Braga—Do sr. José Pereira da Cunha.
- Porto—Da Associação Artistica Portuense D. Maria Pia, protectora dos portuguezes.
- Lisboa—Do sr. E. Amourons.
- Santarem—Do sr. Silverio Alves Nunes.
- Porto—Do sr. Augusto Leite da Silva Guimarães.
- Barcellos—Do sr. Manoel Antonio Esteves.
- Lamego—Do sr. Antonio Nunes Ricca.
- Londres—Do sr. Shand Mason & C.^a
- Guimarães (em 29)—Do sr. Antonio Ribeiro da Costa Salgado.
- Villa Nova de Gaya—Dos srs. João Vieira d'Andrade e Manoel Francisco Junior.

A administração roga aos srs. assignantes a fneza de responderem ás cartas que toma a liberdade de lhes dirigir, com a possivel brevidade, para não complicar o expediente.

ANNUNCIOS

Bombeiros Voluntarios do Porto

Admittem-se alguns conductores para serviço d'esta associação.

Dirigir ao commandante, rua de Fernandes Thomaz, 128.

CANCIONEIRO ALEGRE

COMMENTADO POR CAMILLO CASTELLO BRANCO

1:200 RÉIS

Ernesto Chardon, editor — Porto

PUBLICAR-SE-HA EM PRINCIPIOS DE SETEMBRO O

ALMANACH

do

BOMBEIRO PORTUGUEZ

PARA 1880

PREÇO AVULSO..... 300 RÉIS

Assigna-se na administração d'este periodico, rua de Fernandes Thomaz n.º 128, Porto, e em todas as livrarias.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA—NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

ORGÃO DAS COMPANHIAS DE INCENDIOS DO PAIZ

Preço da assignatura—remessa pelo correio

(PAGAMENTO ADIANTADO)

REINO	1\$400 réis	ANNO	2\$400 réis
.....	700 réis	Semestre	1\$200 réis
.....	350 réis	Trimestre	600 réis
A assignatura é cobravel no Porto por trimestre, nas provincias por semestre e no estrangeiro por annuidades.			
NUMERO AVULSO	60 RÉIS
Depois da publicação do seguinte numero	200 RÉIS

Assigna-se na livraria Civilisação, Santo Ildefonso, 8 e 10 e na rua do Bomjardim, 107 (ao Paraíso).
Escrptorio da administração—Fernandes Thomaz, 128—Porto.